



PROSA

Dois Dedos de

Nº 25 - Recife PE - Julho de 1998

Centro Sabiá comemora 5 anos

Comemorando o seu quinto aniversário, o Centro Sabiá lança cartilha sobre os princípios e as práticas de manejo da agroflorestação. Ao lado, a marca do aniversário.

Página 6

Cana-de-açúcar

Depois de quase 500 anos de monocultura, uma experiência de cultivo agroflorestal da cana-de-açúcar, em pleno Sertão de Pernambuco.

Páginas 4 e 5



Especial

A partir desta edição, um encarte para você colecionar. Na seção Como Fazer, a importância da sincronização no roçado agroflorestal.

Editorial

Da monocultura à Agrofloresta

Há quase 500 anos, com a chegada dos europeus no nosso país, a paisagem natural do Nordeste foi bastante modificada, principalmente a do Litoral. Primeiro, ocorreu o desmatamento da Mata Atlântica, com a finalidade de explorar a madeira do pau-brasil. Em seguida, por seu valor no mercado internacional, foi implantada a cana-de-açúcar em grandes propriedades, num sistema de monocultura que usava a mão-de-obra escrava.

Com momentos de apogeu e de crise, a monocultura da cana resistiu durante séculos, chegou a outras zonas úmidas do Nordeste, nos chamados brejos de altitude, e recebeu grandes incentivos governamentais. Mesmo assim, a zona canavieira do Nordeste vem dando sinais de enfraquecimento e decadência. A verdade é que a monocultura se apresenta insustentável do ponto de vista ambiental, econômico e social.

Enquanto cultura agrícola, a cana não pode ser responsabilizada. A raiz do problema tem sido a forma de exploração. Por isso, não basta substituir a cana por outras culturas, mas aproveitar o grande potencial que ela oferece através de sistemas agrícolas mais sustentáveis. Neste sentido, o Centro Sabiá vem utilizando a cana-de-açúcar na implantação de sistemas agroflorestais em diversas regiões de Pernambuco, descobrindo todas as utilidades desta cultura.

É do Sertão Central de Pernambuco que trazemos experiências bem sucedidas.

Trabalhando nos municípios de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde, dois jovens agricultores, sem usar agroquímicos, semeiam uma história de sucesso com plantio agroflorestal da cana.

SABIÁ

Correio de

Publicações

Solicito ao Cento Sabiá a publicação "Como Fazer Diagnóstico Rápido e Participativo da Pequena Produção Rural", de Kurt Habermeier, que será um instrumento a mais no meu trabalho, pois participo de equipe do Projeto Lumiar/Incra, que atua junto a assentados da Reforma Agrária, no Estado do Rio de Janeiro.

*Newton Rodrigues
Nova Iguaçu (RJ)*

Agradeço o recebimento das cartilhas já enviadas e solicito novos materiais:
Guia para el Establecimiento de Sistemas Agroflorestales; Agricultura Familiar de Bom Jardim; Histórias da Roça; e Como Fazer Diagnóstico Rápido e Participativo da Pequena Produção Rural.

*Alberto Feiden
Itaguaí (RJ)*

É com prazer que estamos enviando para sua apreciação o texto *Puxando o fio da meada: viabilidade econômica de empreendimentos associativos*, que é o primeiro fascículo da coleção denominada *Prosas e Debates*, um resultado da sistematização dos trabalhos de assessoria que a CAPINA vem realizando ao longo dos últimos dez anos.

*Equipe da Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa (CAPINA)
Rio de Janeiro (RJ)*

Mata Atlântica

Reconhecendo que o bioma Mata Atlântica merece uma atenção especial e prioritária, o Ministério do Meio Ambiente tomou a iniciativa de construir, com o apoio de órgãos públicos federais, governos estaduais e ONGs, uma agenda comum para estabelecimento de diretrizes políticas e ações para recuperação, conservação e proteção da Mata Atlântica.

Convidamos o Centro Sabiá a participar desse processo, que está sob a responsabilidade da Secretaria de Coordenação dos Assuntos do Meio Ambiente.

*Júlio Sérgio M. P. Moreira
Secretário Executivo - MMA
Brasília (DF)*

Expediente

*Informativo Nº 25
Julho de 1998*

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO AGROECOLÓGICO SABIÁ

Rua do Sossego, 355 - Sto. Amaro
CEP 50.050-080 Recife - PE
Telefax 55 (081) 231.0492
E-mail: sabia@elogica.com.br

Equipe Técnica:

Adeildo Fernandes,
Avanildo Duque da Silva,
Flávio Duarte, José Aldo dos Santos,
Joseilton de Sousa,
Marcos Figueiredo,
Marleide Irineu, Normeide Farias,
Paula Andrade e Ulrike Rapp.

Edição: Paula Andrade
(Reg. Prof. 2.214 DRT/PE)

Editoração e Diagramação:
Jorge Hugo Verdi

Ilustrações: Domingos Sávio
Circulação: Marleide Irineu

Apoio: ICCO, DED, Misereor
e Ministério do Meio Ambiente

Impressão: Color Print

Tiragem: 1.000 exemplares

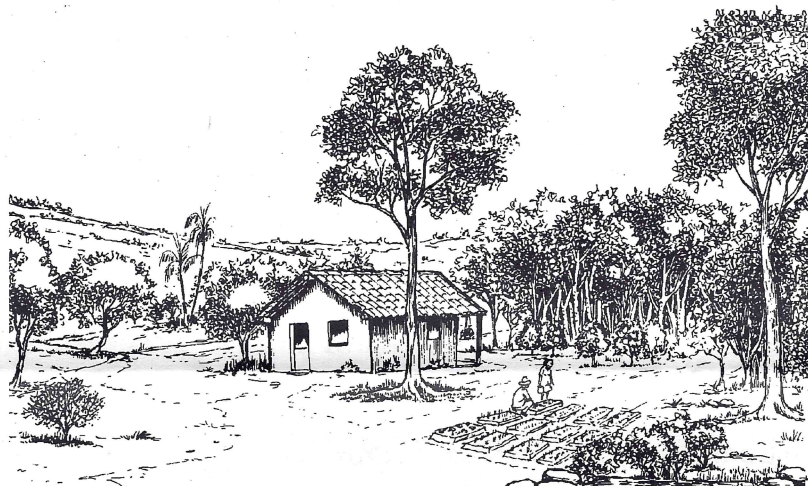
A sociedade civil analisa o Programa "Pernambuco Convivendo com a Seca"

Mais uma vez o El Niño se fez presente na vida dos nordestinos. Por seu impacto, sobretudo diante da precária situação sócio-econômica dos agricultores familiares, os sindicatos de trabalhadores rurais (STRs), a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do

Estado de Pernambuco (FETAPE), as ONGs e a Cáritas/CNBB realizaram encontros nas regiões Agreste e Sertão do Estado, que culminaram num encontro estadual onde foi elaborado um documento síntese, contendo um diagnóstico dos municípios e uma análise do programa governamental "Pernambuco Convivendo com a Seca".

Antes de qualquer crítica ao Programa, as entidades foram unânimes ao considerar louvável esta iniciativa do Governo Estadual. Contudo, verificou-se uma grande lacuna quanto à gestão, controle e manutenção das obras previstas. Também foram levantadas outras questões, relativas à concepção e implementação do programa, que interferem na manutenção do homem no campo, na implantação de políticas voltadas para valorização da produção e comercialização, na estruturação da unidade produtiva e na participação dos agricultores.

Apenas a distribuição dos recursos em pequenas obras diminuiria o impacto ambiental.



Este é o caso específico das barragens subterrâneas. Ao invés de grandes barragens, que ocupam preferencialmente os riachos principais, devem ser construídas, em número bem maior, pequenas barragens, o que proporciona um maior impacto social das obras. Isto só será possível com a adoção de mão-de-obra ao invés das máquinas para construção, e se adapta bem à proposta de geração de empregos diretos do programa. Esta avaliação da sociedade civil influenciou a comissão gestora do Programa de Frentes Produtivas e as barragens subterrâneas foram incorporadas às obras estruturadoras definidas.

As cisternas de placa devem ser construídas preferencialmente em residências das áreas rurais e não só em prédios públicos. A experiência tem demonstrado que os investimentos em prédios públicos necessitam de um elevado custo de manutenção, com grandes riscos de perda do investimento, por falta de

conservação e abandono.

A opção por infra-estrutura de pequeno porte conta com maior contrapartida das comunidades, e pode ser implementada em fundos rotativos, o que aumenta a eficiência da aplicação dos

recursos. Os que estão previstos no Programa "Pernambuco Convivendo com a Seca" são importantes, mas para uma política de convivência com a estiagem, é preciso ampliar a verba e a quantidade de obras, tendo alguns critérios: partir da necessidade da comunidade; discutir com o público beneficiário; realizar obras de caráter comunitário; e apoiar outras formas de sistemas agropecuários.

Para viabilizar o desempenho satisfatório do Programa, os representantes da sociedade civil sugeriram que sejam aplicados, no mínimo, 15% dos recursos das privatizações (CELPE e outras) em obras hídricas, produtivas e de geração de emprego e renda, incentivando o plantio de culturas alimentares dentro de um sistema de produção sustentável, garantindo a preservação dos recursos naturais.

*Ilustração: Ivaldo Costa
(SECA: Um problema que tem solução,
Recife, Forum Seca, 1995)*

Redescobrimo o doce sabor da **CANA**

Quase 500 anos de monocultura da cana-de-açúcar deixou muita gente convencida que cana "só dá em monocultura". Edmilson Soares, um jovem agricultor da comunidade de Santo Antônio, no município de Triunfo, vem provando o contrário, com uma nova forma de plantar a cana-de-açúcar.

Ele afirma que tudo depende do manejo da plantação. Principalmente o corte da cana, que deve ser feito de forma seletiva. Edmilson já verificou que a cana vai bem nos consórcios com guandu, pinha, café, abacate, laranja e com várias culturas nativas. Nestes consórcios, dois cuidados são fundamentais: tirar a palha seca e cortar a cana no período certo. Isso garante tanto o vigor da cana como das culturas consorciadas.

Também é importante implantar os consórcios respeitando o espaçamento entre as fileiras de cana, que deve ser maior do que no sistema tradicional. Cultivando

neste sistema desde 1996, Edmilson já observa um melhor desenvolvimento da cana quando consorciada com outras culturas: as plantas crescem mais rápido e a touceira da cana engrossa mais.

Para Edmilson, este tipo de cultivo ainda tem a vantagem da colheita de outros produtos de uma mesma área, podendo-se até conseguir duas safras de cana num mesmo ano. E as palhas, que geralmente são queimadas, vão servir de adubo orgânico, melhorando a fertilidade do solo.

Dispensando agrotóxicos

A experiência de Antônio Sabino, agricultor da comunidade Baixa das Flores, em Santa Cruz da Baixa Verde, também comprova outra alternativa de cultivo da cana. Antônio discorda da tradição adotada pelos seus vizinhos, que insistem em dizer que não é

possível produzir cana sem adubo químico.

Para ele, não é tão difícil: "basta boa vontade e amar a sua saúde". A produção com adubo pode ser maior num ano, mas nunca será equilibrada, justifica. Segundo Antônio, um plantio com adubo químico na sua região só dura no máximo quatro anos. Sem utilizar adubo, pode durar até dez anos. Além do mais, quando vem a estiagem, a cana com adubo químico é a primeira a fracassar. Usando adubo a cana brota mais, mas sempre tem menos força e é mais exigente por água.

Partindo do roçado, a experiência de Antônio numa agricultura sem uso de venenos ou substâncias químicas nocivas à saúde foi mais longe: ele também inovou na produção de rapadura. O "branquito", um produto à base de enxofre, é largamente usado para clarear a cor da rapadura. Antônio conseguiu produzir não só rapadura, mas



Avanildo Duque da Silva

Edmilsom comparou dois plantios de cana e viu a clara vantagem da cana consorciada em relação à cana solteira.

também “alfinin” e mel de engenho sem usar o produto, comprovando que o “branquito” é totalmente dispensável, e serve apenas para onerar a produção: a cada 200 Kg de rapadura, consome-se um quilo de “branquito”, ao preço de R\$ 6,00.

Além da economia, outra vantagem descoberta por Antônio está no armazenamento. Quem usa o

“branquito”, garante a rapadura por no máximo cinco meses. Quem não usa, consegue manter a qualidade de um ano para outro.

Mas, ele alerta: para produzir rapaduras e outros produtos da cana sem “branquito” é preciso ter alguns cuidados durante a fabricação. Primeiro, é preciso limpar bem a garapa e cozinhar bastante o caldo, para dar o ponto certo. Antônio dá a dica de

alguns produtos naturais que ajudam a clarear e dar o ponto, como a mutamba, o sisal e a mamona. Com esses cuidados, o resultado final é uma rapadura muito mais saborosa e saudável.

As experiências de Antônio e Edmilsom, acompanhadas pelo Centro Sabiá há 3 anos, demonstram que é possível conhecer o doce sabor da cana praticando uma agricultura mais sustentável.

Publicações

AGROFLORESTA **Um novo jeito** **de fazer** **agricultura**

Depois de cinco anos atuando em parceria com agricultores e agricultoras no desenvolvimento de experiências de referência de agricultura familiar sustentável, o Centro Sabiá reuniu um pouco do trabalho e das sistematizações que fez neste período numa publicação sobre Agroflorestação dirigida a agricultores, estudantes e profissionais da área.

O texto nasceu a partir do trabalho de campo que o Sabiá desenvolve em Pernambuco, nos municípios de Abreu e Lima, Bom Jardim, Triunfo, São José do Belmonte e Santa Cruz da Baixa Verde; e na Paraíba, no município do Conde. A publicação é dividida em duas partes. A primeira, apresenta os princípios da agroflorestação, e a segunda, as principais técnicas de manejo agroflorestal.

Os interessados podem solicitar exemplares ao setor de documentação do Centro Sabiá.



Puxando o fio da meada: **viabilidade econômica** **de empreendimentos** **associativos**

Primeiro fascículo da coleção denominada "Prosas e Debates", que é um resultado da sistematização dos trabalhos de assessoria que a CAPINA vem realizando, ao longo dos últimos dez anos, dentro desta temática e nas áreas de empresariamento social e gerenciamento administrativo-financeiro. O segundo fascículo já está a caminho e será sobre comercialização.

Pedidos para: CAPINA
R. Evaristo da Veiga, 16/1601
Centro - Rio de Janeiro (RJ)
CEP 20.031-040
Fone: (011) 220 4580
E-mail: capina@ax.apc.org

Agenda

I Conferência Brasileira **sobre Microcrédito e** **Políticas de** **Desenvolvimento**

Rio de Janeiro, (RJ)
de 08 a 10 de Agosto de 1998

Promoção:

- Federação das Cooperativas de Trabalho do Rio de Janeiro (FETRABALHO)
- Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM)
- Governo do Estado do Rio de Janeiro
- Grameen Bank

8º Encontro de Mulheres **Trabalhadoras Rurais** **do Nordeste**

Tema:
Gênero e Meio Ambiente

Caxias (MA)
de 10 a 13 de Setembro
de 1998

Promoção:

- Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR-NE)

Seminário **Latinoamericano sobre** **Agricultura Sustentável**

Otalavo, Equador
de 28 de Setembro
a 02 de Outubro de 1998.

Promoção:

- Organização Intereclesiástica para a Cooperação ao Desenvolvimento (ICCO)
- Associação Latinoamericana de Organizações de Promoção (ALOP).

Cooperantes:

Gente que faz...

com a gente

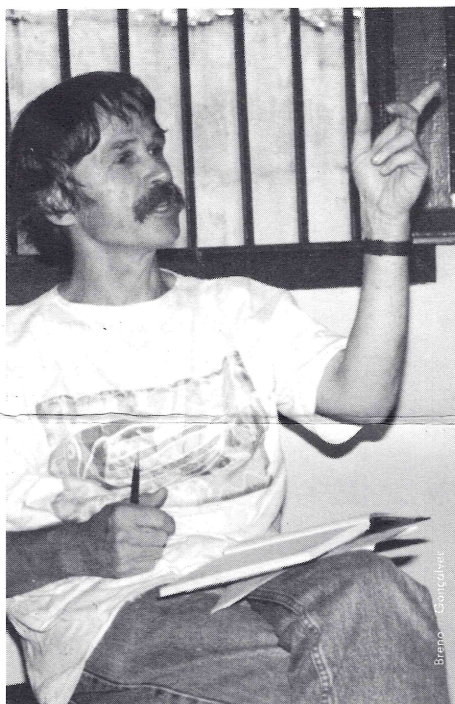
Tendo iniciado seu trabalho no Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (DED), em 1991, no Projeto Tecnologias Alternativas do Centro Josué de Castro, Kurt Habermeier foi um dos fundadores do Centro Sabiá.

Coordenou a execução do Diagnóstico Participativo em Bom Jardim, trabalhando com diversos agricultores familiares, o que gerou uma cartilha de ampla aceitação entre técnicos governamentais e de ONGs, interessados em conhecer mais profundamente a realidade da Agricultura Familiar.

Habermeier também é o autor da mais nova publicação do Centro Sabiá: Agrofloresta, um novo jeito de fazer agricultura, complementada e organizada por Avanildo Duque da Silva, atual coordenador do Sabiá.

Enquanto esteve no Sabiá, de 1991 a 1997, Kurt atuou ainda na organização de uma comissão de Agricultura em Bom Jardim e trabalhou com agricultores na implantação de sistemas agroflorestandos. A riqueza de sua contribuição ultrapassou a sua formação acadêmica - Kurt é antropólogo - e somou-se a outras experiências realizadas em países da África, por onde passou.

Neste pequeno resgate do trabalho do cooperante Kurt Habermeier, o Centro Sabiá não tem a intenção de fazer uma "rasgação de seda". Longe disso. Kurt também aprendeu com todos da equipe e com os diversos agricultores com os quais



Kurt Habermeier

conviveu. Aprendeu tanto que ficou "muito brasileiro", como muitos diziam, pois somou às culturas alemã e africana, uma outra, rica em misturas, tal como se apresenta a cultura brasileira.

Através do trabalho de Kurt, resgatamos também a importância da cooperação na história do Centro Sabiá, que agora contará com a presença de Ulrike Rapp na área de desenvolvimento econômico e agricultura familiar.

É bom falar das coisas que dão certo. E nestes cinco anos do Sabiá, a parceria com cooperantes está nesta lista. E o Brasil, ainda que conste entre "as dez maiores economias do mundo", sem dúvida ainda tem muito o que aprender e compartilhar através do intercâmbio de informações técnicas e culturais com profissionais de outros países. Neste sentido, a cooperação ainda é um caminho bastante eficaz.

O Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (DED) é uma entidade de cooperação técnica alemã cujo principal instrumento de apoio são os profissionais com os quais trabalha. Os recursos humanos são complementados por pequenos financiamentos concedidos às instituições.

Atualmente, o DED está em 42 países, através de 1.000 cooperantes. Desses, 48 estão distribuídos no Brasil. Os cooperantes são na maioria alemães, mas já foram contratados profissionais colombianos, holandeses e de outros países. Em todos os casos, esses cooperantes apresentavam no currículo algum ponto de conexão com a Alemanha, sobretudo através de cursos universitários.

Segundo Herbert Reufels, coordenador geral do DED, a entidade não tem projetos próprios e atua sempre em parceria com outras organizações, apoiando o projeto que desenvolvem. É a maior instituição da Alemanha na área de cooperação, e no Brasil, atua há mais de 30 anos, sendo mais ou menos igual o tempo de Nordeste.

Nos últimos três anos, ocorreu um enxugamento brutal no total de cooperantes, que passaram de 75 para cerca de 50. A tendência é chegar a 35 cooperantes no ano 2001, com reduções gradativas, ano a ano.

Para Herbert Reufels, a principal explicação para esta redução é a performance da economia brasileira no cenário mundial, ainda que o Brasil conte com o título de uma das mais intensas concentrações de renda do planeta, ressalta o coordenador.



Terra vestida de vida melhor

(Uma história de amor)

**As gotas de chuva
caem com toda sua força
sobre a terra.**

**A terra, sem árvores,
não tem proteção.**

A água escorre e fere a terra.

**A terra que escorre vai ferindo
a vida da gente.**

**Já não se pode plantar,
pois terra não há.**

A terra nua, os menino nu.

A terra pobre, a gente pobre.

**Pr'um mesmo sofrer,
o mesmo remédio.**

**Pra vestir as criança
precisa cobrir a terra.**

**Ninguém se cobre
com a mesma roupa
por toda a vida.**

Assim é a terra.

**Se deixar,
ela se enche de enfeite:
é mato de tudo que é jeito.**

- Pai, pra que tanto mato?

**A gente não pode esperar
que a terra escolha
a roupa pra se cobrir...**

A gente tá com fome, pai.

- Meu fio, traz o facão

**que a gente poda essas árvores,
planta no meio desses mato,
que um ajuda o outro a crescer.**

**Essa terra é feito mulher vaidosa:
quer tudo do melhor.**

Mas eu, que não sou besta,

**vou ajudar a nossa terra
a escolher a melhor planta,
porque meu fio tá com fome
e eu quero fruteira,
quero feijão e milho
pro mode alimentar a família.**

**Eu quero aprender
esse jeito novo de plantar
e de viver.**

**Eu posso tirar da terra o mió
que ela pode dá.**

E ela pode dá muito.

**Eu posso deixar na terra o mió
pra que ela possa prosperar,
aprendendo o segredo
de uma nova agricultura.**

**A gente vai se respeitando:
eu dou o mió pra essa terra
e a terra me devolve fartura.**

Eu sei que às vez dá trabalho.

**É como amô de mulher exigente:
A sujeita não deixa passar nada,
mas ama a gente de um jeito,
que só vendo.**

E com a terra, é certo.

Devagar a gente se entende.

**Eu já vi que nesse tal
de plantio agroflorestar
é preciso conversar, quer dizer,
entender, todo dia,
qual o recado da terra.**

**E sem se preocupar muito:
a terra sempre dá o mió
se a gente cuida dela.**

• Pedro Clementino é agricultor e poeta da Zona da Mata de Pernambuco.